

Imagens, reconhecimento facial e vigilância: perspectivas acerca da mediação maquínica em softwares de curadoria fotográfica¹

Amanda Valeria SILVA²

Universidade Federal de Pernambuco, PE

RESUMO: Este artigo lança um olhar para paradigmas emergentes acerca das imagens contemporâneas entendidas enquanto materialidades para uma nova lógica de acumulação, marcada pela vigilância e invasão de privacidade. A partir de programas de mediação fotográfica pessoal é possível perceber práticas de monitoramento transmutadas como promessa de serviços personalizados e atenção individualizada. Nesse âmbito, serão analisados *softwares* que se propõem a realizar a curadoria de fotos pessoais dos usuários a partir de *smartphones*, como o *Google Fotos*, *Apple Photos* e *Ever*, bem como serão elencadas questões como o uso da tecnologia de reconhecimento facial e seu imbricamento com a categorização, identificação e extração de dados a partir de imagens.

PALAVRAS-CHAVE: fotografias; vigilância; privacidade, curadoria; softwares.

INTRODUÇÃO

Partindo da premissa de que vivemos em um contexto de gerenciamento da imagem inédito, marcado pela incessante produção e circulação de fotografias, este artigo discute alguns aspectos dessa materialidade, analisados sob a ótica da vigilância e privacidade em programas comerciais de organização da experiência fotográfica. Busca-se, desse modo, entendendo a imagem enquanto portadora de dados (SILVA, 2015; LEMOS; PASTOR, 2018), identificar incursões invasivas de corporações, a partir de funcionalidades que propõem otimização e personalização em softwares de curadoria imagética.

Para tais objetivos, pontuamos algumas práticas e dispositivos associados a essas experimentações na rede. Foram selecionados os aplicativos de organização, edição e categorização de biblioteca de fotografias: *Google Fotos*, *Apple Photos* e *Ever*. As problematizações versam sob a perspectiva do acesso a imagens privadas e a utilização de recursos como a tecnologia do reconhecimento facial que transpõem os direitos de privacidade e colocam os usuários em um regime de vigilância e transparência.

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação Audiovisual, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: amandavaleria17@gmail.com

Apontamos, dessa forma, para uma compreensão mais ampla acerca de novas configurações nas práticas contemporâneas de organização imagética e as implicações da delegação dessas memórias a ferramentas máquicas comerciais.

MUNDO-IMAGEM & PÓS-FOTOGRAFIA

Desde o século XIX, as fotografias impactam de diferentes modos as nossas perspectivas de mundo. O reenquadramento de um momento passado atrelado à constituição de indivíduo ou de um grupo social revelou-se se em muitos tipos de discursos fotográficos. O propósito de lembrança, nesse sentido, imbrica-se com funções constituintes de memória privada, laços de identidade e coesão subjetiva. A idéia de um fragmento de tempo materializado imbuído de valor em uma narrativa é ressaltado por Sanz(2004) :

Desse modo, selecionar um instante para ser visto – não só por quem fez a imagem, mas também por aquele que imaginamos que a verá algum dia – seria uma atitude de atribuição de relevância e valor ao momento presente, transformando, a partir daquela seleção, o fato em acontecimento. Fotografar seria, portanto, estabelecer uma distinção entre aquele instante e os demais, e, ao mesmo tempo, torná-lo passível de ser conhecido.(Sanz, 2004, pg.02)

Nesse contexto, a fotografia pensada como um fator de influência nas subjetividades dos sujeitos, apreendida em um sentido mais amplo ressignifica valores, olhares, signos. Sontag(1981) comenta nuances de previsão do século XX por Feuerbach em 1843 quando em lamúria premonitória, o filósofo ressalta que em “nossa era” se “prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser”. Um prelúdio de uma conjuntura amplamente aceita e em curso:

uma sociedade se torna “moderna” quando uma de suas atividades principais consiste em produzir e consumir imagens, quando imagens que têm poderes excepcionais para determinar nossas necessidades em relação à realidade e são, elas mesmas, cobichados substitutos da experiência em primeira mão se tornam indispensáveis para a saúde da economia, para a estabilidade do corpo social e para a busca da felicidade privada(Sontag, 1981, pg 86)

A imagem fotográfica na sociedade moderna, destarte, apresenta status de autoridade, uma interpretação do real. O que a autora crê como uma importância que vai além da mera reprodução e alcança um outro patamar com a sobreposição de um *mundo-imagem* em detrimento do mundo real. A tendência seria conferir cada vez mais às coisas reais as atribuições de uma imagem, o que equivale a dizer que passamos a experimentar a realidade como uma imagem, um composto de aparências visto que “a realidade se parece cada vez mais com o que a câmera nos mostra” (SONTAG, 1981, p. 113).

O sentido do real originaria seus próprios frenesim e compensações e tirar fotografias equivaleria a um ópio em um sentido de real cada vez mais vazio. “A presença de novas experiências se traduz na presença de tirar fotos: a experiência em busca de um modelo à prova de crises.” (SONTAG, 1981, p. 113).

O estreitamento da relação entre a narrativa fotográfica e a experiência contemporânea de duração do tempo assentada em fissuras e fragmentações relaciona-se, assim, com a abundância de acontecimentos sem diferenciação na atualidade. O presente revela-se amplo e *continuum*, interligado a uma produção incessante de imagens que por sua vez cria novos modos de perceber a presença e o instante.

Esse fenômeno se configura como uma nova ordem visual, de acordo com o espanhol Joan Fontcuberta, na qual as imagens seguem impactando a nossa consciência, mas como estão em crescimento exponencial são muito mais esquivas e difíceis de controlar. Para o autor, a era digital marca uma nova perspectiva acerca das imagens fotográficas: a “*pós-fotografia* faz referência à fotografia que flui no espaço híbrido da sociabilidade digital e que é consequência da superabundância visual.”³(FONTCUBERTA, 2016).

Há dessa forma uma mudança de natureza das imagens, que, impulsionadas pelo avanço tecnológico circulam em uma velocidade vertiginosa, mas que devem ser definidas a partir de sua relação com o meio. É nesse ponto que difere a fotografia do século XIX para a do século XX, já que o que ocorre é uma desintegração de uma visualidade hegemônica estabelecida por mais de um século. A virada do milênio, por sua vez, desvelou uma segunda revolução digital marcada pela proeminência da internet, redes sociais e telefonia móvel, acarretando transformações em todos os

³ Tradução livre de “La postfotografía hace referencia a la fotografía que fluye en el espacio híbrido de la sociabilidad digital y que es consecuencia de la superabundancia visual”

âmbitos da sociedade, “convertendo o mundo em um espaço regido pela instantaneidade, globalização, desmaterialização.” (FONTCUBERTA, 2016).

Tais desdobramentos devem ser entendidos dentro de uma nova lógica de produção visual que tem difusão e controle específicos, bem como limiares tênues entre o público e privado marcados por uma hipervisibilidade bastante acentuada. Essa dinâmica assentada em uma crescente autoexposição na rede e expansão de tecnologias específicas que operam sobre as imagens dos indivíduos tem implicações principalmente no que tange a ótica da vigilância e assimetrias de poder.

IMAGENS, EXTRAÇÃO DE DADOS & CAPITALISMO DE VIGILÂNCIA

A naturalização da produção de imagens na sociedade contemporânea traz em seu bojo artifícios utilizados por sistemas políticos e corporativos em um contexto notadamente caracterizado pela economia informacional. A vigilância nessa conjuntura é instituída como componente intrínseco de uma nova lógica de acumulação profundamente tecnológica e baseada na transparência de indivíduos enquanto alvos de extração de dados e perfis. Nesse cenário, a fotografia digital compõe um status de grande potencial informativo que pode ser expandido com informações textuais referentes a diversos aspectos e minerado a partir de análises algorítmicas.

Num estrato mais amplo, nossos modos de vida são continuamente rastreados por meio de vestígios que deixamos na rede e formam um vasto arquivo, que, por sua vez, só é possível devido à própria estrutura de uma complexa rede de comunicação distribuída. O monitoramento desses dados faz parte da rotina de serviços de inúmeras plataformas de serviços, mesmo que esse expediente não seja bem explanado para os usuários de modo geral. Para a pesquisadora Fernanda Bruno:

Desde a convergência da informática com as telecomunicações, as redes de comunicação distribuída, como a Internet, ampliam significativamente as possibilidades de monitoramento, coleta e classificação de dados pessoais. Ações cotidianas e trocas sociais no ciberespaço tornam-se permeáveis ao rastreamento, constituindo uma fonte valiosa de informação ou conhecimento sobre indivíduos e grupos. Curiosamente, as mesmas tecnologias que ampliam as possibilidades de emissão, acesso e distribuição da informação tornam-se instrumentos potenciais de vigilância e controle (BRUNO, 2013)

As tecnologias que paradoxalmente ampliam acessos e emissões tornaram-se potenciais instrumentos de controle, uma participação apropriada e capitalizada com o intuito de reiterar lógicas comerciais e abastecer processos de vigilância. A noção da vigilância distribuída instituída por Bruno(2013), designa tanto um modo de funcionamento da vigilância quanto o seu vínculo ao contemporâneo atuando de “modo descentralizado, sem hierarquias estáveis e com uma diversidade de propósitos, funções e significações nos mais diferentes setores”(idem, 2013, pg. 30).

Uma nova dimensão simbólica que admite quase todos os aspectos existentes como visíveis, cognoscíveis e passíveis de compartilhamento. Shoshana Zuboff alerta para uma “dimensão material de poder”, na qual “sistemas impessoais de disciplina e controle produzem certo conhecimento do comportamento humano independente do consentimento.”(ZUBOFF, 2015, pg. 42).

Para a autora, aparentemente, o que ocorre é uma redistribuição dos direitos de privacidade. No lugar de um grande contingente de pessoas possuindo alguns direitos de privacidade, os direitos seriam concentrados no interior de um regime de vigilância , tutelados pelos capitalistas de vigilância que teriam muitas oportunidade de segredos. Esses mecanismos são desse modo, cada vez mais utilizados para impedir as escolhas da sociedade no que concerne a quais segmentos da sua vida desejam manter em sigilo.

Esse é o capitalismo de vigilância, no qual há pouca opção de gestão de autoprivacidade e onde impera a ignorância do público. Empresas como o *Facebook* e o *Google* operam nessa lógica, em que a indiferença formal e uma relativa distância dos “usuários” combinada com a liberdade atual relacionadas a leis, sanções e regulações protegem essas capitalistas da vigilância das conseqüências da desconfiança. (ZUBOFF, 2015, pg. 50)

É possível assinalar, desse modo, certa dependência social, já que essas ferramentas se apresentam como essenciais para uma vida com mais eficácia, assim, potenciais de vigilância não são mais restritos e justificados a grupos suspeitos, mas abrangem todos e qualquer um. Essa indiscernibilidade caracteriza a própria arquitetura dessas ferramentas de modo sutil e bastante presente nas retóricas de personalização e otimização propostas por diversos programas na rede, inclusive com os que se propõem a realizar curadoria das imagens pessoais dos usuários, como será explanado no próximo item.

RECONHECIMENTO FACIAL E PRIVACIDADE: EXEMPLIFICAÇÕES EM SOFTWARES DE CURADORIA IMAGÉTICA

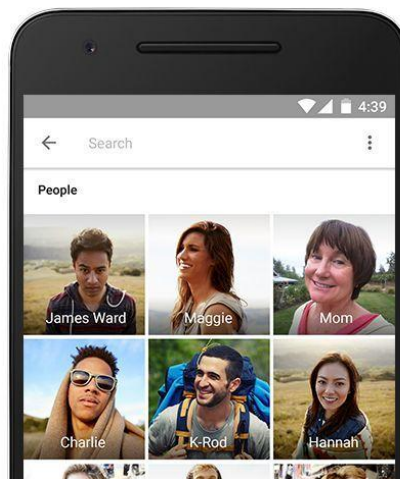
Práticas ligadas ao monitoramento e controle de identificações por meio de imagens em redes sociotécnicas habitam sistematicamente nossas experiências no espaço. Nesse ecossistema, tecnologias altamente precisas de análise de imagens passam a integrar um número cada vez maior de dispositivos. Nesse âmbito, o reconhecimento facial se configura como uma técnica de biometria baseada nos traços do rosto das pessoas, assim é possível fazer uma correspondência entre fotos em dados computacionais e sua análise e comparação eletrônica com uma base de dados.

Entendendo as imagens como conjunto de metadados, é possível traçar um paralelo entre a análise e extração desses dados no contexto do reconhecimento facial por *softwares* a partir de “agência de humanos e não-humanos, na qual artefatos participam ativamente dos processos comunicacionais.”(LEMOS E PASTOR, 2018)

Essa tecnologia compõe um universo cada vez mais amplo de aplicativos e ferramentas que extrapolam a noção de risco e expõem uma retórica de inovações interativas e de conveniência. No âmbito de *softwares* que se propõem a organizar a experiência fotográfica dos usuários é perceptível o uso desse expediente.

Utilizamos para exemplificar essa ação, o *Google Fotos*, um programa que permite armazenar, organizar e editar as imagens da câmera do smartphone e pode ser acessado em diferentes interfaces e dispositivos. Há ainda recursos como álbuns compartilhados, criações automáticas, pacote de edições, além de backup ilimitado de fotos e vídeos interligados ao serviço de armazenamento nas nuvens da *Google*.

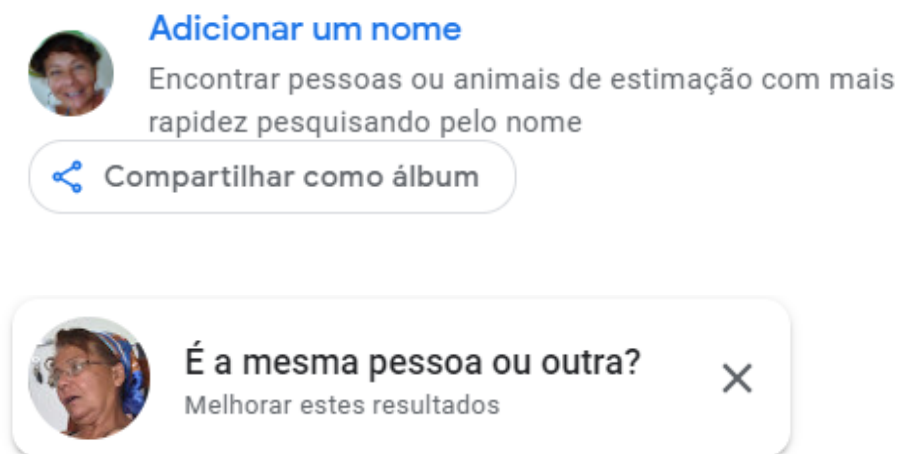
Figura 1: Imagem de divulgação do *Google Fotos*



Por meio da inteligência artificial com algoritmos do *machine learning*, o programa permite a busca por fotos específicas e a identificação automática de pessoas, animais e coisas presentes nas imagens. No que concerne às pessoas, a arquitetura do software propõe de diferentes modos que os indivíduos sejam identificados e classificados por meio do assistente virtual. Na opção álbuns, por exemplo, o reconhecimento facial do programa identifica todas as pessoas que aparecem nas fotos e as reúne cada uma em um álbum específico com todas as ocasiões que esse indivíduo aparece e com as respectivas datas. Há ainda a sugestão de que você as nomeie para que elas sejam localizadas mais facilmente pela barra de busca ou pelo álbum de compartilhamento, no qual há a possibilidade de enviar para o e-mail da pessoa identificada, vinculado ao gmail do usuário que detém o *Google Fotos*.

É possível também observar a tentativa de aperfeiçoamento da ferramenta com a ajuda dos usuários, na medida em que o assistente coloca várias imagens que ele acredita serem da mesma pessoa, mas que precisa de uma confirmação do detentor da conta. Uma vez concluídas, as respostas auxiliam no agrupamento facial do *Google*, e o usuário pode ser solicitado a fazer o mesmo para outras pessoas.⁴

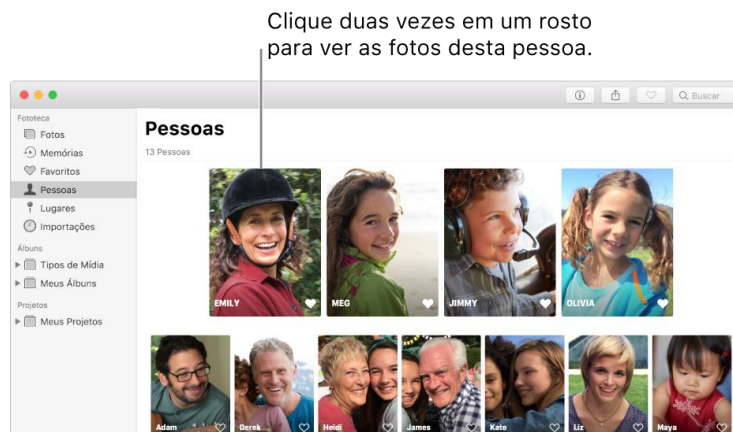
Figura 2 e 3: Imagem de ilustração do *Google Fotos*



⁴ Google Photos has been asking users to help improve its facial recognition grouping. Disponível em <<https://www.androidpolice.com/2019/04/26/google-photos-has-been-asking-users-to-help-improve-its-facial-recognition-grouping/>>. Acesso em 17 jun de 2019.

Prometendo uma maior assertividade o *Apple Photos* permite a formação de uma biblioteca fotográfica, também de pessoas, lugares e objetos, conectada a um armazenamento nas nuvens e análise acurada baseada em metadados. A ferramenta em sua apresentação ainda reitera sugestões “inteligentes” de fotos para compartilhar, ao informar que o reconhecimento facial do programa identifica e sugere o compartilhamento com quem aparece nas fotos, além de que os amigos do usuário que também estejam usando o iOS 12, recebem uma notificação para dividir com o detentor da conta as fotos que tiraram no mesmo evento.⁵

Figura 4: Imagem de divulgação do Apple Photos

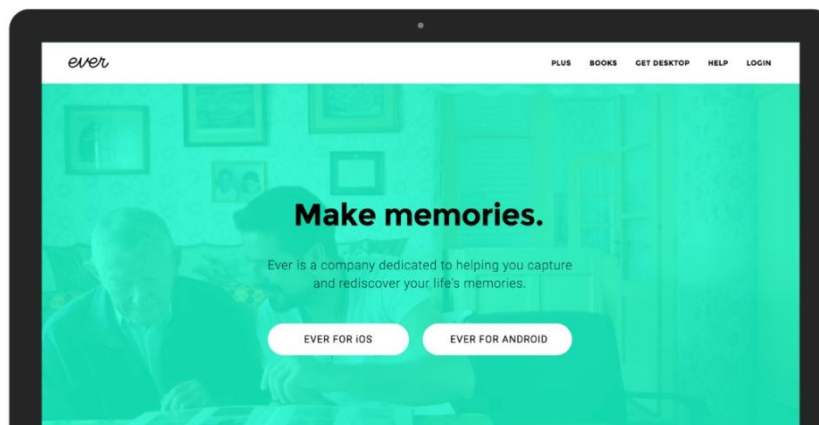


Além das implicações mais óbvias sobre a privacidade dos usuários que utilizam a ferramentas desse escopo, como o total acesso a fotos privadas dos indivíduos por grandes corporações como o *Google* e a *Apple*, existem outras discussões como a falta de autorização por parte das pessoas que estão nas fotos, mas necessariamente não foram consultadas sobre a sua identificação. Para além da praticidade e melhora de experiência dos usuários reiterados por empresas que organizam fotos pessoais, existem pontos sensíveis que merecem ser apontados. Questões delicadas que perpassam amplos debates sobre de que forma esses bancos de dados imagéticos são utilizados e recombinaados com outros dados e informações.

⁵ Manual do Usuário do Fotos. Disponível em < <https://support.apple.com/pt-br/guide/photos/phtad9d981ab/mac>>. Acesso em 17 jun.2019

Em maio de 2019, um caso emblemático acerca dessa temática veio à tona. O canal americano NBC revelou que o programa de armazenamento e organização de fotografias pessoais *Ever* estava utilizando as imagens privadas dos usuários também para treinar os algoritmos da empresa, entre eles, um sistema de reconhecimento facial que a empresa vende posteriormente a empresas privadas, autoridades e organizações militares. A política de privacidade da empresa já indicava uma referência a esta utilização do material, mas, segundo a matéria, esta só surgiu após o contato da NBC, em Abril, sendo que a *Ever* já opera desde 2013 e criou a empresa-irmã *Ever AI* no final de 2016. *Ever AI* é o nome da subsidiária que comercializa as soluções de reconhecimento facial; no site *ever.ai*, é possível ver uma descrição do serviço bem como da base de dados utilizada para treinar o algoritmo – sem menção ao app *Ever*.⁶

Figura 4: Imagem de divulgação do *Ever*



Exemplos, como esses, ilustram a fragilidade dos direitos de privacidade dos usuários a partir de incursões invasivas cada vez mais sistêmicas das empresas no que se refere à curadoria de fotografias digitais e extração de dados a partir delas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁶ Treinaram reconhecimento facial com as fotos que os utilizadores carregavam. Disponível em < <https://shifter.sapo.pt/2019/05/ever-ia-reconhecimento-facial/>> Acesso 17 Jun.2019

Com os desdobramentos das transformações tecnológicas, os modos de produção e relação com a imagem passam também por mudanças e podem ser problematizados em diversas esferas. No que concerne à atualidade, a abundância de fotografias propulsada principalmente por sistemas fotográficos dos *smartphones* caracterizam expressivamente a realidade digital da fotografia. Iniciativas comerciais vislumbraram oportunidades de lucro e controle a partir dessa conjuntura e nesse aspecto é possível pontuar incursões invasivas e mecanismos de vigilância transmutados retoricamente de conforto e praticidade. Os aplicativos apresentados demonstram o potencial de corporações que por meio de uma série de inovações preconiza cada vez mais a naturalização de adesão tácita dos usuários aos seus mecanismos de funcionamento.

Reconhecimento facial, categorização de pessoas, identificação não autorizada de indivíduos, extração de metadados são algumas das questões levantadas que apresentam pontos sensíveis de discussão e são operadas de forma deliberada por empresas como a *Apple* e o *Google*. Isso é ainda mais impactante, quando essa delegação a *softwares* atinge imagens de memórias pessoais e, que, até bem pouco tempo estavam limitadas a uma curadoria íntima e restrita.

Desequilíbrios que demonstram assimetrias de poder na rede, fragilidades nos direitos de privacidade e opacidade entre as relações. Para além do debate e da denúncia, faz-se premente o desenvolvimento de estratégias e a disseminação de ferramentas que tornem claras a conduta dessas empresas de tecnologia e o seu real impacto no cotidiano das pessoas. Enquanto os procedimentos maquínicos agirem como otimizadores de percursos, operando através da instrumentalização de uma forma particular de liberdade – ou seja, “da mobilização das capacidades pessoais e subjetivas dos indivíduos, entendidos como “livres para escolher.”(Rose, 1999) – mais distante fica a capacidade de escolha consciente dos usuários.

REFERÊNCIAS

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

FONTCUBERTA, Joan. **La furia de las imágenes**. Galaxia Gutenberg, 2016.

Google Photos has been asking users to help improve its facial recognition grouping. Disponível em < <https://www.androidpolice.com/2019/04/26/google-photos->

[has-been-asking-users-to-help-improve-its-facial-recognition-grouping/](#). Acesso em 17 jun de 2019.

LEMOS, André; PASTOR, Leonardo. **Performatividade algorítmica e experiências fotográficas: uma perspectiva não-antropocêntrica sobre as práticas comunicacionais nos ambientes digitais**. Lumina, v. 12, n. 3, p. 147-166, 2018.

Manual do Usuário do Fotos. Disponível em < <https://support.apple.com/pt-br/guide/photos/phtad9d981ab/mac>>. Acesso em 17 jun.2019

ROSE, N. **Powers of freedom**. Cambridge University, 1999.

SANZ, Cláudia Linhares. Passageiros do tempo e a experiência fotográfica: do álbum de família ao blog digital. **Quando todos os fatos são fotografáveis: da fotografia do acontecimento às imagens do presente continuum**, 2004.

SILVA, W. S. **O estatuto documental da fotografia na era digital**. Artciencia.com, n. 19, 2015. Disponível em: <<http://www.artciencia.com/index.php/artciencia/article/view/516>>. Acesso em: 29 mar. 2019

SONTAG, Susan; FURTADO, José Afonso. **Ensaio sobre fotografia**. 1981.

Treinaram reconhecimento facial com as fotos que os utilizadores carregavam. Disponível em < <https://shifter.sapo.pt/2019/05/ever-ia-reconhecimento-facial/>> Acesso 17 Jun.2019

ZUBOFF, Shoshana. **Big Other:capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação**. In BRUNO, Fernanda.;CARDOSO, Bruno.;KANASHIRO, Marta.;GUILHON, Luciano.;MELGAÇO, Lucas. (orgs). Tecropolíticas da vigilância: perspectivas da margem. 1.ed. – São Paulo: Boitempo, 2018.